

Enfim juntos! Conjugalidade homoafetiva*

StetinaTrani de Meneses Dacorso**

***Trabalho apresentado em Plenária na XXXIV Jornada do Circulo Psicanalítico de Minas Gerais realizado 16/17setembro 2016.**

**** Psicologa. Psicanalista CBP-RJ.Professora Curso de Psicologia CESJF-PUCMinas.Presidente CBP 2010/2012 e 2012/2014. Didata e Coordenadora da Formação em Psicanalise do Instituto Brasileiro de Psicanalise, Dinâmica de Grupo e Psicodrama-JF. Mestre em Literatura Brasileira CESJF-PUCMinas.**

StetinaTrani de Meneses e Dacorso. Rua Rei Alberto 108/901.Juiz de Fora MG.CEP 36016000. stetina-dacorso@ig.com.br32158830

Enfim Juntos! Conjugalidade Homoafetiva.

Finallytogether! Conjuality homossexual.

Qualquer maneira de amor vale a pena

Qualquer maneira de amor vale amar!

Milton Nascimento

Resumo

O presente texto apresenta uma análise das conjugalidades homoafetivas ou homoeróticas como conceituam alguns. A autora analisa o grupo das homossexualidades pelo viés da pressão cultural que o considerou delinquente, doente, depravado. A mudança na cultura e nas leis possibilita que os homossexuais façam conjugalidade explícita. A hipótese da autora é que algumas situações de conflito nestes casais ou a dificuldade de manter suas parcerias podem ser decorrentes da pressão cultural sobre este grupo e as identificações feitas pelos seus membros com estes valores. Para esta análise a autora utilizou textos psicanalíticos sobre cultura e grupos.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Conjugalidade homoafetiva, Homossexualidades, Homoerotismo. Identificação. Grupo gay.

INTRODUÇÃO

Até uma ou duas décadas atrás ao falar de família nos referíamos à conjugalidade hetero. Hoje lidamos com a conjugalidade homoafetiva, seus conflitos, questões e conseqüentemente, demandas à clínica psicanalítica.

Começamos a pensar em como bordá-los em sua especificidade, em suas particularidades relacionadas a seu sofrer.

Vamos delimitar nossa abordagem: sobre o sujeito individual da psicanálise nos referimos a descarga pulsional, ideais, identificações, constituição psíquica, a metapsicologia e seu circuito pulsional com respectivas escolhas objetais, Édipo e castração, bissexualidade, enfim a especificidade psíquica de cada um. Não é por este ângulo que abordaremos o casal homoerótico.

A ideia que primeiro nos assaltou foi que este grupo - o das homossexualidades - possui uma singularidade que não pode ser negada que é a de serem párias até bem pouco tempo. Primeira questão: como este grupo cujos membros ficavam só ou escondiam sua parceria faz conjugalidade e segunda questão: como lidam com sua conjugalidade quando sempre viveram uma sexualidade livre e submetida ao princípio do prazer?

Para pensar a questão grupal lembremos de Sigmund Freud que a psicologia individual no sentido ampliado é psicologia social ([1921]1979), além disso, nos remetendo a identificação grupo unido em volta de uma ideia ou ideal sofre junto a influência do social maior.

Começamos a pensar em várias questões. A análise que me primeiro me convocou foi como um grupo que desde sempre sofre com os preconceitos e estereótipos sociais, vai conseguir agora, fazer boas parcerias amorosas. Analisar parcerias homoeróticas implica em pontuar fatores com cuidado para não cairmos em armadilhas de construções sócio-histórico-culturais ou análises naturalistas. Existe o hábito –construído a centenas de anos – de que pensar os casais nos levam a analisar o conceito de família e as regras que a perpassam ligadas a necessidade de procriação e cuidados da prole. Este pensar estabeleceu como normal a tríade HeteroXCasamentoXFiliação.

DESENVOLVIMENTO

Ao longo do tempo temos estudado o amor, os casais e como pensar/analisar as uniões levando em conta eroticidade e afeto. O arranjo dos parceiros são construções socioculturais mantidas por ideologias médicas, religiosas, pedagógicas e outras. Um ideal normativo restrito ao casal hetero, que se manteve ao longo dos tempos com sua área de normalidade, felicidade e conjugalidade a céu aberto.

Enquanto casal muitas questões dos casais gays são comuns a todos os casais: distribuição de tarefas no cotidiano; divisão e contribuição financeira; projetos de férias; visitas a família; decoração da moradia; compra de bens; organização do dia a dia. E também: explicitação de sentimentos; maior ou menor vontade de sexo; quais amigos são mais interessantes e com quais conviver; sentimentos e visões de mundo compartilhadas, quem é viciado em trabalho, quem conversa mais, quem é mais ativo e solucionador de questões... e tantas outras discussões que dizem respeito a pessoas que se amam e vivem juntas. Enquanto sujeitos desejantes sua relação de casal também é marcada por sua história Edípica. S.Freud ([1911-1915]1979) afirma que as escolhas amorosas do sujeito obedecem ao padrão de enamoramento de sua infância. O Édipo é a estrutura inconsciente que organiza a vida afetiva do casal.

Temos também as diferenças que são características do casal gay e que vão constituir conflitos específicos de sua conjugalidade: famílias que se recusam a aceitar que não são dois amigos(a); reação do grupo social no entorno que compõem a rede de pertença; participação em reuniões de lazer/trabalho e outras; questões jurídicas/clubes; o andar na rua com tranquilidade de mãos dadas ou troca de afetos (comum em alguns lugares mas não em todos), questões de procriação e filiação. Podemos continuar a enumerar outras tantas situações cotidianas tão comuns em casais heteros mas estranhas, proibidas e/ou complexas de se resolver para os casais homoafetivos. Fica obvio que não podemos insistir em ignorar a multiplicidade das diferenças e singularidade. Muitas análises numa tentativa de paridade entre as duas conjugalidades ainda se aferram a padrões, e/ou estereótipos – que mesmo em casais hetero tem diminuído – como: quem é ativo /passivo; quem desempenha o papel/função de marido e de esposa, quem é provedor e tantas outras estabelecidas como leitura natural em casais heterossexuais.

Quando nos aprofundamos em sua singularidade o casal gay com sua particularidade vai se apresentando como um gatilho para desconstruções em todos os níveis de análise das conjugalidades por instalar um novo e portanto, sem enquadres e sem definições para sua relação.

A humanidade produziu muito material sobre o amor e relações amorosas. Nosso imaginário foi preenchido com as poesias e dizeres sobre o amor. O amor visto como algo que engrandece e enobrece sendo atributo de felicidade. Quem não tem amor a vida fica sem sentido! Com a palavra Frida Khalo:

Esta manhã recebi sua carta, após muitos dias de espera. Senti tamanha alegria que comecei a chorar antes mesmo de lê-la. Meu menino, eu realmente não deveria reclamar de nada do que me acontece na vida, desde que você me ame e eu o ame. Este amor é tão real e belo que me faz esquecer todas as minhas dores e problemas; faz-me esquecer a té a distancia. (ZAMORA,1999 p.99)

Para Costa(1998) o amor é uma invenção como a roda, medicina, pãozinho e deuses. Esta crença é sustentada por se acreditar que o amor é sentimento universal e natural; surdo a razão e condição indispensável para felicidade. O banquete de Platão é a fonte do mito amoroso no Ocidente. Os padres retomam o esquema platônico de amor, aqui o amor verdadeiro é de Deus para Deus. O objeto ideal de amor laico é o Amor Cortês, quando Deus é substituído como objeto de desejo.

Quando o doce caçador me atirou , fiquei rendida, entre os braços do amor ficou minha alma caída. E ganhando nova vida, de tal maneira hei trocado, Que é meu Amado para mim, e eu sou para meu Amado[...]
Atirou-me com uma seta envenenada de amor, e minha alma foi feita uma com seu Criador.(SANTA TERESA apud COSTA,1999)

Costa(1998), analisa que o sujeito amoroso moderno possui três fontes históricas:

1) O amor cortes e mística cristã; a última antecede o amor cortes, reforçando o amor-amizade comum entre os religiosos, neste período o sexo é visto como aquele que impede a plenitude do verdadeiro amor, é perigoso e violento. O amor cortes é a laicização do amor a Deus.

2) Teorias sobre o sujeito: necessárias para explicar as reflexões sobre o sujeito em decorrência das mudanças político-econômicas. Surgem as análises sobre o desejo e depois o prazer nas situações amorosas. A felicidade amorosa é um estado de prazer que deve perpetuamente se renovar e quando não se renovamos inquietude.

3) Práticas de subjetivação: criadas pelo convívio social na corte, que exigia contenção emocional. O amor aristocrático é glorificado em obras literárias.

Continuando sua análise o autor considera que em Rousseau amor e sexo se uniram, o casamento e família sendo o lugar por excelência da reunião carne/sexo/amor. Desta lógica surge a sociedade burguesa e o amor ordeiro e prudente com vistas a reprodução da ordem social. (Costa, 1998).

As histórias de amor que todos cultuam e enriquecem nosso imaginário amoroso e romântico se multiplicaram: Adão e Eva-para começarmos do começo; Romeu e Julieta; Tristão e Isolda; Love History, Uma Linda Mulher e outras histórias, poesias, peças de teatro, filmes. Amor como que engrandece, ligado ao Bom, Belo, Verdadeiro. Muitas construções poéticas, científicas, religiosas, médicas, pedagógicas, psicológicas e tantas outras que se referem ao “casal feliz para sempre”. Todos Heteros!. Uma fala de um caso de supervisão; “Era horrível ver aquelas cenas de sexo dos casais das novelas e pensar que eu jamais teria aquilo, porque sexo gay é putaria”, um rapaz de 29 anos. Este jovem não está enganado em sua percepção, temos uma censura severa nas cenas de amor entre gays, seja em novelas, filmes, no cotidiano e nos conceitos sobre sua sexualidade:

O amor que não ousa se chamar como tal é um carinho tão grande como aquele que havia entre David e Jonathan...(David, o jovem pastor, que decapitou Goliás e levou a cabeça a Saul –primeiro Rei de Israel

e pai de Jonanthan, que era seu filho mais velho. Na Bíblia o encontro do dois e assim anunciado “E a alma de Jonanthan ficou ligada a alma de David” É aquela afeição profunda tão pura quanto perfeita. É Belo, é Delicado é a forma nobre de afeição. Não há nele nada estranho à natureza humana. O mundo não o entende, zomba dele e as vezes, ridiculariza-nos por sua causa.

(CULT, 2010)

Este é um trecho do discurso de Oscar Wilde (1854/1900) o escritor irlandês de “O retrato de Dorian Gray” acusado de sodomia com Lord Alfred Douglas perante a corte de Dublin, onde foi condenado a dois anos de prisão apressando seu processo de decadência social, econômica e produtiva.

As diferenças, conceitos, julgamentos e estereótipos sobre um grupo que tem um lugar específico na cultura humana desde do início dos tempos deve ser levado a sério. O grupo – das homossexualidades – que foram considerados anormais, catalogados como marginais, perversos, drogaditos, delinquentes, sádicos, com tendências a badernas e sexo desenfreado “a putaria”. Agora este grupo faz conjugalidade explícita – as poucas que se arriscavam até então, mantinham-se escondida e respaldada juridicamente.

Nos Três Ensaios ([1905], 1979) S. Freud tem uma nota de rodapé de 1910 já citada por nós em outro momento: “..o homem antigo dava mais importância apropriada pulsão enquanto nós a damos ao objeto. Glorificavam a pulsão e por ela reverenciavam o objeto, nós desprezamos a atividade pulsional em si e encontramos escusas para ela apenas pelo mérito dos objetos. Esta nota pode e deve ser articulada a todas as análises e julgamentos estereotipados que são feitos aos objetos – considerados “anormais” utilizados para satisfação pulsional e com maior severidade ao objeto homossexual. A pulsão não tem um objeto fixo e determinado, o desejo vem sem nome, endereço, email, ou telefone:

O amor é um pássaro rebelde, que ninguém pode aprisionar.
E que não adianta chamar se a ele convém recusar.
De nada convém ameaças e pedidos, dizer coisas bonitas ou se calar,
[...] O amor...o amor...O amor é um menino cigano que nunca conheceu
qualquer lei. (BIZET, Carmem, 1874)

Em Introdução ao Narcisismo ([1914] 1979) escreve sobre a violência decorrente do narcisismo das pequenas diferenças; lembremo-nos da parábola dos porcos-espinho, que denuncia que toda relação próxima comporta a hostilidade porque o diferente (tão próximo) ameaça o equilíbrio narcisista. Ameaça em minhas crenças, em minhas verdades inquestionáveis, em certezas abaladas pela existência deste tão semelhante e ao mesmo tempo tão diferente em suas escolhas e estilo de vida.

Em A cultura e seus descontentes ([1930], 1979) Freud aprofunda sua análise quando o amor deve imperar entre “iguais” a pulsão de morte se apresenta para destruir o próximo – sejam os grupos homo por hetero ou vice-versa; seja dentro do próprio grupo de homo quando alguns começam a se diferenciar em condutas ou opções de vida. Mas principalmente a necessidade de conter a sexualidade livre como forma de controle dos homens, manutenção da ordem e desvio da pulsão para o crescimento da cultura. O crescimento da cultura relacionando ao aumento da população no interior das famílias, aprimoramento científico, artístico e estético. Mas principalmente mantém a análise, constante em sua obra, do sujeito e seu circuito pulsional:

A felicidade no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia da libido do indivíduo. Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos; todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo. Todos os tipos de

diferentes fatores operarão a fim de dirigir sua escolha. É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos. (FREUD, S. 1979, p. 103).

Na segunda tópica no estudo sobre o superego, Freud o analisou como representante do mesmo, possuindo vínculos abundantes com a aquisição filogenética de cada indivíduo. E no mesmo texto, o eu quando passa por experiências frequentes e intensas elas são transformadas em experiências do mesmo e preservadas como herança:

Dessa maneira no Id, que é capaz de ser herdado, acham-se abrigados resíduos das existências de incontáveis egos. E quando o ego forma o seu superego a partir do ID pode talvez, estar apenas revivendo formas de antigos egos e ressuscitando-os. (FREUD, S. 1979, p. 53)

Ao nos referirmos a história erótica dos gays pelo seu lugar no social enquanto párias, condenados jurídica e culturalmente, para encontrar parceiros precisavam recorrer a saunas, casas noturnas enquanto redutos de gays, salas de cinema; “pegação” em pontos da cidade considerados perigosos, tendo de se esconder, disfarçar, mentir para uma sobrevivência na sociedade, obviamente, muito mais violenta e agressiva que nos dias atuais. As parcerias rápidas se instalam pela dificuldade de se manter outras formas de união numa cultura que os coloca à parte. A busca e valorização da descarga sexual imediata e sem rédeas se instalou. O Princípio do Prazer dominando, mesmo que em desacordo com o mundo por ser a única possibilidade de relação. Enquanto párias correm por fora da “respeitável conjugalidade” formando e vivendo em guetos. É comum a muitos gays se questionarem como o rapaz citado anteriormente: - gostamos de putaria! Seja lá o que isto signifique: swing, suruba, vários parceiros numa noite, brincadeiras sádicas ou masoquista, mas é o sujeito perverso-polimorfo da psicanálise porém, não pertencente à sociedade moral, estabelecida e da conjugalidade e parcerias aceitas como ideal, a hetero. Sociedade hipócrita, como assinalou Michel Foucault em várias de suas análises e, também a psicanálise por outra ótica. A escolha de um objeto aceitável socialmente não é garantia de que os desejos perversos polimorfos foram domados, escreve Freud (1979, p. 196): “disposição para as perversões de toda espécie é uma característica humana geral e fundamental”. E ainda:

A normalidade é um resultado do recalque de certas pulsões e componentes constituintes da disposição infantil e da subordinação dos constituintes remanescentes sob o primado das zonas genitais a serviço da função reprodutiva. Demonstrei que as perversões correspondem a distúrbios dessa coalescência, devido ao desenvolvimento irresistível e compulsivo de certas pulsões componentes, enquanto que as neuroses podem ter sua origem atribuída a um recalque excessivo das tendências libidinais. (FREUD, S. 1979, p. 289)

Assim, sob a ótica psicanalítica, todos gostam de uma putaria! Continuando nossa análise sobre o princípio do prazer e os gays, ocorreram consequências, que incluem muitas uma conduta perigosa para si mesmos como drogas, violência física e sexual, “pegações” sem cuidados que nos deram nos anos 80/90 o HIV com todas as consequências em termos de preconceito ao grupo, morte, falta de cuidados, a literatura e arte cinematográfica nos presenteou com muitas obras sobre este assunto e período. Até que as famílias bem estabelecidas, pertencentes ao modelo aceito e reforçado

socialmente também começaram a denunciar o HIV em seu interior. M. Foucault (1985) analisou a desordem familiar quando o Dispositivo da Sexualidade “invadiu” o Dispositivo da Aliança, o raciocínio serve aqui também.

S. Freud em Moises e Monoteísmo (1938):

Algo na vida de um povo que é passado, {...} nos aventuramos a comparar com o que é reprimido na vida mental de um indivíduo. {...} o conteúdo do inconsciente, na verdade, é, seja lá como for, uma propriedade universal, coletiva da humanidade {...} os precipitados psíquicos do período primevo se tornam propriedade herdada a cada geração exige apenas um redespertar. (FREUD, 1979, p. 156/157).

Fazendo uma transposição para as homossexualidades e de como foram analisadas, enquadradas, rotuladas ao longo da história da humanidade, o inconsciente dos homoeróticos guarda toda a herança com que a cultura os tratou e retratou. As aceitação são casos e situações bem pontuais relacionadas às saídas que cada um encontrou/escolheu em seu momento sócio histórico cultural para organizar, adequar e conviver com seu grupo (homo ou hetero) satisfazendo seus circuitos pulsionais. O eterno conflito entre Amor/Cultura. Adequar o Princípio do Prazer ao Princípio da Realidade é um processo custoso e doloroso. Uma questão complexa, porque cada um de nós ao buscar e se comprometer com sua busca de felicidade paga o preço por sua singularidade. Para as conjugalidades gays tem sido um processo difícil.

IDÉIAS FINAIS

Michel Foucault (1985), com a concepção de biopoder e dispositivo da sexualidade, analisa que o poder opera não apenas dominando ou oprimindo mas construindo subjetividades. O exercício é do regime disciplinar que produz os discursos que atuaram como normatização. Norma que atua como ideal regulador e estabelecendo fronteiras entre o lícito e ilícito. As tecnologias de si.

Nas últimas décadas o mundo mudou em relação aos gays e sua conjugalidade. Temos de pensar as diferenças não num modelo binário que iguala esta conjugalidade a outra retirando apenas o tom pejorativo sem perceber que ao assim se fazer estamos apenas trocando-a de lugar na balança binária que tem no seu centro o considerado certo e verdadeiro. De um lado o bom, certo, aceitável e do outro o mau, errado, menor. Discutir relação binária não é acabar com as diferenças, lógico. É sim lidar com a diferença per se sem valores. Tarefa árdua para maioria de nós.

Retornando a Freud em O eu e o isso (1923), quando relaciona as representações verbais aos processos internos de pensamento que na sua origem estão ligados a percepções. As famílias e seus componentes, principalmente as figuras importantes como pai/mãe, emitem suas opiniões sobre escolhas homossexuais que ficam registradas em nosso inconsciente mesmo quando não podemos entender seu significado, mas que nossa história edípica confirma que uma escolha pelo genitor do mesmo sexo provoca um receio da vingança do outro genitor. À medida que crescemos as figuras importantes são substituídas por professores e outras autoridades, que atualizando, podemos incluir a ciência e outros saberes respeitados, continuando com Freud (1923):

A tensão entre as exigências da consciência e o desempenho concreto do ego é experimentada como sentimento de culpa. Os sentimentos sociais repousam

em identificações com outras pessoas, na base de possuírem o mesmo ideal do ego.(FREUD,1979,p.52)

Não podemos acreditar que a sociedade ao estar mais aberta e disponível em aceitar as conjugalidade gays, isto signifique que séculos de ostracismo e julgamento desapareceram da mente das pessoas e dos homoafetivos. As representações psíquicas não desaparecem de fora para dentro, e muitos não aceitam esta conjugalidade como já nos referimos anteriormente. Os atos de violência a gays e transexuais permanecem ocorrendo em nossa sociedade e fora das discussões em espaços considerados sérios, científicos! Como se fossem fatos isolados de pessoas ou grupos particulares e não um registro na cultura sobre um grupo registrado como abominável, doente e repulsivo! No entanto discutimos o que séculos de repressão fizeram à sexualidade das mulheres, ao seu lugar na sociedade, nas relações profissionais e familiares! Mas este pensar não é transposto para os gays e suas parcerias!

Devemos levar em consideração o que marcamos sobre a mente de um grupo nos textos freudianos citados anteriormente, tendo como consequência a possibilidade para aqueles que compõem conjugalidade gay de serem possíveis e passíveis de uma homofobia disfarçada. É possível de ter uma expectativa inconsciente negativa, falta de crença em seu potencial para manter uma relação amorosa satisfatória e duradoura. Não há modelos de parcerias gays felizes onde possam se apoiar ou identificar.

Alguma escutas:

“ Foi a melhor relação da minha vida,mas não vou assumir publicamente este tipo de relação: tem minha família, profissão, a cidade que nasci”. M.37. Primeira relação homo.

- “Ele é inrustido, não aceita sua homossexualidade, se saímos juntos, fica distante, não se aproxima.. Não quer transar, diz que isto não é importante numa relação gay que deve contar com mais amizade, transparência e respeito H, 43, em conjugalidade

Enfim além da provocação que leva – como dissemos- a desconstruções. Além de questões de ordem pessoal referente às organizações psíquicas individuais é necessário que possamos escutar e analisar em cada casal ou parceiro as consequências que milênios de construção sobre as relações amorosas de gays e sua forma de amar possam estar provocando os transtornos e sofrimentos em cada casal homoafetivo.

Sempre podemos fechar os olhos às complexidades de um problema sugerindo soluções que reduzam a questão ao menor denominador comum.[...]O amor tem de ser apreciado sem se fugir para um otimismo ou pessimismo dogmáticos, sem se construir uma filosofia de medos ou uma moralidade dos desapontamentos.(BOTTON,2012)

Abstract

This text presents a review of the homosexual conjugalities or homoerotic as conceptualize some. The author analyzes the group of homosexualities by bias of the considered delinquents, sick and depraved. The change in the culture and laws allows the homosexualities make conjugality explains. The hypothesis of the author is that some situations of conflict in these couples or difficulty of maintaining their partnerships may be a result of the pressure cultural about this group and identifications made by its members with these values. For this analysis the author used the texts on Freudian culture and groups.

Keywords:Psychoanalysis.
homossexual.Homosexualities.Homoeroticism.Identification.Gay group.

Conjugality

REFERENCIAS

- BIZET,Carmem(1874-1875).In:*Colecção Folha grandes obras* 01.Folha de São Paulo,2011
- BOTTON,AlainDe.*Ensaio de amor*.Trad.FabioFernandes.Rio de Janeiro:Rocco,1912
- COSTA,J.F.*Sem fraude nem favor*.Rio de Janeiro:Rocco,1998.
- COSTA,J.A *inocência e o vicio*Estudo sobre o homoerotismo.3 ed.Rio de Janeiro:Relume-Dumara,1992.
- CULT,Revista.*Oscar Wilde e o direito dos homossexuais*. Marco de 2010.
- FOUCAULT,M. *História da Sexualidade:vontade de saber* I.6 ed.Rio de Janeiro:Graal,1985.
- FREUD,S.Psicologia de grupo e análise do ego(1921).In:_____.*Além do principio de Prazer,psicologia de grupo e outros trabalhos(1920-1922)*.Trad.JaymeSalomão.Rio de Janeiro:Imago,1979.p.89-180.(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).
- FREUD,S.A dinâmica da transferência (1912).In_____o caso Schereber e artigos sobre técnica (1011-1913).Trad.JaymeSalomão.Rio de Janeiro:Imago,1979.p.133-148. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud,12).
- FREUD,S.Tres ensaios sobre a teoria da sexualidade(1905).In_____Fragmento da análise de um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos(1901-1905).Trad.jaymeSalomão.Rio de Janeiro:Imago,1979p.123-252.(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud,7).
- FREUD,S.Introdução ao Narcisismo(1914).In:A *história do movimento psicanalítico*(1914-1915).Trad.Jayme Salomão.Rio de Janeiro:Imago,1979.p.89-121.(Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud,14).
- FREUD,S.O mal-estar na civilização (1930).In:*O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*(1927-1931).Trad.JaymeSalomão.Rio de Janeiro:Imago,1979p.75-173.(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud,21).
- FREUD,S.Moises e o monoteísmo(1939).In:*Moises e monoteísmo*(1937-1939).Trad.JaymeSalomão.Rio de Janeiro:Imago,1979 p.16-167.(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud,23)
- FREUD,S.O ego e o id(1923).In:*O ego e o id*(1922-1925).Trad.JaymeSalomão.Rio de Janeiro:Imago,1979 p.23-89.(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud,19).
- NASCIMENTO,Milton.Paula e Bebeto.In*Minas*.Album 1975.